

Histórias de Gari: a rotina física do lixeiro¹

Gabriela DAMACENO²

Ana Carolina VAZ³

Cárlida EMERIM⁴

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

O trabalho mostra uma reportagem que tem como proposta realizar a cobertura de uma rotina diária de trabalhadores procurando experimentar, com linguagem de conteúdo e de expressão (ou seja, o comportamento da repórter e os movimentos de câmera - e mesmo o equipamento utilizado-), um modo de contar uma história para a televisão. Mais do que telejornalismo participativo, a proposta quer compreender como se pode aproveitar as novas tecnologias portáteis como a câmera GoPro para ampliar a narrativa visual em busca de um maior engajamento do público e o melhor modo de narrar um história real para a televisão.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Reportagem; Telejornal Universitário; Garis e Lixeiros; Experimentação com GoPro.

1 INTRODUÇÃO

A televisão, enquanto mídia que exhibe imagens em movimento tem uma relação forte com a reportagem, ela está na essência do que se compreende como televisivo, mais do que a ficção, pois esta já tinha grande desenvolvimento pelo cinema. O cinema documentário ou a narrativa da grande reportagem, reportagem, quase sempre foi marginal, sendo valorizado mais pelos alternativos, cult's e intelectuais, pois, as histórias ficcionais ganharam seu grande palco e seduziam milhões para acompanhar seus relatos.

Mas, na televisão, a reportagem (curta ou mais longa) encontrou seu espaço de excelência. Até porque, como disse Adriano Duarte Rodrigues⁵ diz que tem dois aspectos do discurso midiático: o **estatuto de verdade**, carrega em si a idéia do *acabado, do pronto*

¹Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria I - Jornalismo, modalidade Reportagem em Telejornalismo (avulso).

² Aluno(a) líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, repórter da matéria, email: gktdamaceno@gmail.com.

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, produtora da matéria e editora executiva do TJUFSC e JNU 2014, email: anacvazz@gmail.com.

⁴ Orientador(a) do trabalho. Professor(a) da graduação e pós-graduação do Curso de Jornalismo da UFSC, email: carlidaemerim@gmail.com.

⁵ Em capítulo publicado no livro O jornal: da forma ao sentido.

e, portanto, do *verdadeiro*, do *real* e o **estatuto de credibilidade**, a fluidez constante que não mostra seu real processo de produção construindo um efeito de credibilidade. Por isso, na televisão, o reportar (ato de narrar uma história) ganha tanta importância, porque ele é real e se acredita do que está sendo dito.

Ser repórter, para Bitencourt (1993) é mais do que "pessoa que noticia ou informa pelos jornais" ou ainda "programa noticioso em rádio ou televisão", é aquele que noticia ou informa em programa noticioso de televisão ou, também, é todo indivíduo cuja profissão é ouvir coisas aqui para contar adiante. Ainda, segundo ele, foi bisbilhotando ou investigando que repórteres descobriram grandes histórias, furos de notícias, e muitos desses transformaram a história.

Outra diferença na televisão é que o repórter precisa compreender palavras e imagens, ou seja, ele narra histórias que precisam ter imagens para serem mostradas. E organizar esta relação não é fácil.

Na atualidade, a imagem está mais acessível, mais rápida e mais perto de ser “tocada”, a cada dia, por um número maior de pessoas. A internet derrubou as barreiras de transmissão de dados à distância e criou novas expectativas quanto à comunicação dos seres no planeta. Isto se refletiu diretamente na mídia televisiva, que hoje se reconfigura, tentando entender que público é este que acessa sob estas novas bases.

Se, a reportagem de televisão é uma marca do discurso televisivo é nela que a televisão pode recuperar o seu status social como um espaço diferenciado de produção. E, para isso, as novas tecnologias ao mesmo tempo em que desafiam, também propõem novas possibilidades expressivas.

2 OBJETIVO

Como já se disse, a reportagem *Histórias de Gari: a rotina física do lixeiro* foi pensada com a proposta de experimentar uma nova forma de contar, mais solta e “conversada” e com uma utilização dos equipamentos portáteis como a câmera GoPro inserida na narrativa. O objetivo foi o de buscar novas possibilidades e construção de reportagem sem contudo perder o viés informativo adotado pelos telejornais além de ensaiar uma aproximação com uma linguagem mais jovem e menos formal.

3 JUSTIFICATIVA

No telejornalismo, vive-se sob o regime do tempo: o que interessa são as notícias de última hora ou aqueles fatos cuja ocorrência está mais próxima ao texto-programa telejornal que será exibido na grade de programação das emissoras. Levando em consideração estas regras constitutivas e as características do meio tevê, os produtores de notícia para o jornalismo de televisão atuam constantemente sob pressão e com um elemento primordial de linguagem: a imagem.

Neste universo, o TELEJORNALISMO se insere como um espaço de fundamental de produção de conhecimento, no qual a informação percorre diferentes instâncias comunicativas, ultrapassando aquelas matizes propostas pela constituição do fazer jornalístico mais tradicional.

Não se pode esquecer que, cada vez mais, linguagens e formas narrativas serão influenciadas pela convergência digital e pelos processos facilitadores trazidos pela Internet. Por isso, torna-se importante propor e experimentar novas formas expressivas e é na universidade, nos produtos produzidos em sala de aula que se pode ousar e buscar novas propostas que possam potencializar o telejornalismo contemporâneo.

Outra justificativa está no tema escolhido, simples e complexo ao mesmo tempo, desafiador pelo seu contexto bem como suas possibilidades de erros e acertos na condução do material.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na produção da reportagem, empregou-se os conceitos de produção comum a produção de qualquer material telejornalístico tais como os explicados por BISTANE e BACELLAR (2005), BITTENCOURT (1993) e CRUZ NETO (2008): pauta (ideia), apuração, produção, angulação e execução. Mas, também, propôs-se uma abordagem mais próxima do que se realiza com o *Storytelling* do inglês que remete a uma **narrativa** e significa a **capacidade de contar histórias relevantes** e tem sido utilizado como uma estratégia ou ferramenta de marketing para criar novas possibilidades de engajamento das pessoas em ideias e desejos. Par ao telejornalismo, pode-se aplicar este conceito para histórias ou narrativas produzidas ou contadas de improviso, ou, mais ainda, narrativas que parecem improvisadas, mas foram totalmente produzidas: **palavras ou recursos**

audiovisuais organizados para transmitir uma história. Como diz Bruno Scartozzoni (2013):

Storytelling, ou contar histórias, é reorganizar fatos para torná-los mais significantes. Histórias possuem um formato comum, que, na essência, é composto de (pelo menos) um personagem superando desafios para alcançar um objetivo. Nós fazemos isso intuitivamente a toda hora, e escritores e roteiristas têm feito isso há milhares de anos para capturar a atenção do público, levando conhecimento e inspiração. (In: Midiatismo, 2013).

Sendo assim, esta reportagem procurou empregar a linguagem de uma imagem mais aproximada, tremida porém em foco, originária da câmera portátil GoPro, com vistas a explorar os recursos expressivos deste tipo de equipamento para potencializar a compreensão sobre histórias nas quais repórteres acompanham a rotina de seus entrevistados.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem *Histórias de Gari: a rotina física do lixeiro*, foi exibida no dia 03 de outubro de 2013, no telejornal diário da Universidade Federal de Santa Catarina, o TJUFSC, tendo 4 minutos e 56 segundos de duração, sendo considerada uma grande reportagem para o formato de um telejornal de curta duração, como é o TJUFSC. Ela inicia com a repórter numa passagem abrindo a reportagem o que de imediato quebra a regra da produção televisiva noticiosa que sugere evitar começar reportagens com passagem, pois estas devem ser valorizadas pela informação mais importante da matéria.

Depois, há um sobe som e a repórter convida o espectador a lhe acompanhar de carona na boleia de um caminhão de lixo e há, neste trecho, a interferência de dois tipos de câmera, uma tradicional e uma GoPro. A edição é seca, corte duro de uma para a outra, sendo que na primeira cena há uma câmera (GoPro) superposta deixando aparecer a câmera tradicional e imediatamente o corte com imagem da outra câmera se sobrepõe, oferecendo uma entrada do espectador na cena de forma mais rápida e forte.

O conteúdo é intercalado com off's curtos, perguntas e certas decisões da repórter que convoca os entrevistados a seguir realizando o trabalho deles e respondendo ao mesmo tempo, seguida por decisões de enquadramento mais aberto e fechado, todos realizados com

cortes não narrativos, ou seja, sem se preocupar com a sequência de cenas, encadeamentos e de falas.

O resultado do trabalho foi analisado pela equipe que considerou o material diferente, mas que poderia ser compreendida por um público abrangente, por isso a reportagem foi exibida no telejornal universitário, pois, embora busque diferenças consegue ser informativa. A produção foi de Ana Carolina Vaz, a pauta e a reportagem de Gabriela Damaceno e as imagens e edição de Felipe Titon Figueira, todos alunos do Curso de Jornalismo da UFSC.

6 CONSIDERAÇÕES

Uma proposta de inovação nem sempre é algo que nunca foi visto ou tentado, mas pode propor exatamente de se fazer algo novo sobre uma proposta ou tema recorrente. A ideia de inovar em televisão tem sido muito pressionada pelos impactos das novas tecnologias e avalanche que a internet tem feito sobre a produção televisiva. Os telejornais, principalmente, sofrem uma pressão maior, pois são considerados a parte “careta”, envelhecida da programação, exatamente pelo seu formato mais rígido e seu compromisso de informar sobre a realidade com o menos aparato possível.

Este trabalho foi desafiador porque não se trata de um tema interessante, novo ou que chame a atenção de uma forma corriqueira. A tentativa da reportagem era trazer uma experiência de linguagem para ver se a força da imagem por si só já atrairia a atenção. Mas o que se pode perceber pelas respostas ao programa e as visualizações, que é preciso um conjunto maior de elementos cênicos numa reportagem para que ela possa realmente capturar a atenção do espectador, principalmente o jovem.

Produzir este material foi extremamente relevante para o aprimoramento dos alunos envolvidos tanto é que mantém um modo de produção que ainda busca esta experimentação com os equipamentos portáteis em diferentes temas e reportagens, experienciando novas possibilidades e trazendo alternativas para o fortalecimento do telejornalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCURE, Lenira. **Telejornalismo em 12 lições**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.

ANDRADE, João Batista de. **O povo fala: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira**. São Paulo: SENAC SP, 2002.

BARBEIRO, Paulo Rodolfo de Lima e Heródoto. **Manual de telejornalismo – os segredos da notícia na tv**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BISTANE, Luciana; Luciane BACELLAR. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

BITTENCOURT, Luis Carlos. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

BRASIL, Antonio. **A revolução das Imagens: uma nova proposta para o telejornalismo na era digital**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.

CHARON, Yvan. **A entrevista na televisão**. Portugal: Inquérito, s/d.

CRUZ NETO, João Elias. **Reportagem de Televisão**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FLORESTA, Ligia BRASLAUSKAS e Cleide. **Técnicas de reportagem e entrevista em Jornalismo**. São Paulo: Saraiva, 2009.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

PORTO, Sergio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: EDU-UnB, 2012.

PRADO, Flavio. **Ponto eletrônico**. São Paulo: Limiar, 1996.

VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV – telejornalismo aplicado na era digital**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

YORK, Ivor. **Telejornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.

Referencias obtidas na internet

Mídias Sociais, StoryTelling e Crossmedia. Entrevista com Bruno Scartozzoni. In: <http://www.midiatismo.com.br/midias-sociais/midias-sociais-storytelling-e-crossmedia-entrevista-com-bruno-scartozzoni>, acessado em 22 de julho de 2013.

LINK da Reportagem

<http://www.youtube.com/watch?v=L4c1rspJ97w>